Papel e celulose — as principais empresas

MARCIO BUENO*

O setor de papel e celulose é altamente concentrado em todo o mundo. Nos últimos anos, essa característica vem se acentuando, com incorporações e fusões de grandes grupos. No Brasil não é diferente.

O setor de papel e celulose no Brasil é altamente concentrado. De 236 empresas, apenas 10 grupos respondem por 65% da produção de papel e somente cinco grupos são responsáveis por 86,7% de toda a produção da celulose de mercado. A celulose de mercado é assim chamada por se destinar às vendas, ao mercado, e não à produção de papéis dentro da mesma empresa.

A força do Brasil no cenário mundial está na produção de celulose de mercado, ostentando a 4ª colocação.

Na produção de papéis, aparece liderando o *ranking* das 10 maiores empresas nacionais o grupo Klabin, de cujas fábricas saíram 914 mil toneladas em 1994, ou 16,2% do total. Logo depois surge o grupo Suzano, com produção de 634 mil toneladas no mesmo ano, ou 11,2% do total. O grupo Votorantim, que em 1991 nem figurava no *ranking* das 10 maiores, após adquirir o grupo Simão saltou para o terceiro lugar, posto em que permanece até hoje. Entre os 10 maiores grupos que atuam no Brasil, encontram-se apenas três multinacionais: Champion, Igaras e Rigesa.

A celulose de mercado é dominada por 5 grandes grupos: Aracruz, Cenibra, Bahia Sul, Riocell e Jari. A Aracruz, que ocupa o primeiro lugar do *ranking*, em 1994 produziu 1.071t ou 43,7% da produção nacional. Todos esses grupos produzem celulose branqueada de fibra curta e têm como principal insumo o eucalipto. A comercialização no mercado internacional é basicamente de celulose branqueada. Com relação ao tipo de fibra, ainda predomina a fibra longa, mas a fibra curta vem crescendo ano a ano e já ameaça passar à frente. O crescimento da participação da celulose de fibra curta no comércio internacional é relativamente recente e se deveu a países considerados produtores não-tradicionais, como Brasil, Portugal e Espanha. Em 1980 a produção de celulose de fibra longa dominava com 64% do total, contra 36% de fibra curta. Em 1993 a fibra longa tinha caído para 56% do total produzido, enquanto a curta subia para 44%.

O setor de papel e celulose, já fortemente concentrado, tende a concentrar ainda mais capital, como acontece em vários setores da economia mundial. A concentração produtiva pode ser medida pela participação das 150 maiores empresas fabricantes de papel em relação ao total mundial. Em 1985, elas

Principais produtores brasileiros de papel — 1994
(em mil toneladas)

Empresa/grupo	Produção	%
1. Grupo Klabin	914	16,2
2. Grupo Suzano	634	11,2
3. Grupo Votorantim	525	9,3
4. Grupo Ripasa	354	6,3
5. Champion	338	6,0
6. Igaras	307	5,4
7. Rigesa	249	4,4
8. Grupo Trombini	232	4,0
9. Pisa	158	2,8
10. Inpacel	134	2,4
Outros	1.809	32,0

Fonte: ANFPC. *BNDES* Setorial, n.2, nov. 1995.

respondiam por 56% da produção de todo o mundo e em 1993 o índice tinha subido para 66%. Esse movimento se deve não apenas ao desenvolvimento tecnológico e à expansão de unidades fabris, mas também a fusões, aquisições e associações. Boa parte envolve a formação de grandes empresas de capital misto, americano e europeu. Recentemente, assistiu-se à fusão das empresas americanas Scott Paper e Kimberly-Clark, que ocupavam respectivamente a 5ª e a 15ª posição no *ranking* mundial de vendas de 1993. As duas já eram gigantes na fabricação de papéis *tissue* (para fins sanitários) e formaram um conglomerado pronto para competir no mercado europeu e que já nasce com um faturamento anual de nada menos que US$11 bilhões. Para efeito de comparação, basta verificar o faturamento de 1993 da Indústria Klabin, maior grupo brasileiro fabricante de papel e celulose: US$815,2 milhões.

Celulose branqueada de mercado — fibra curta
Principais fabricantes brasileiros — 1994

Empresa/grupo	Produção	%
1. Aracruz	1.071	43,7
2. Cenibra	387	15,8
3. Bahia Sul	340	13,9
4. Riocell	205	8,3
5. Jari	122	5,0
6. Outras	323	13,2
Total	2.448	100,0

Fonte: ANFPC.

Embora esteja longe de criar as corporações gigantescas que surgem nos EUA, Europa e Japão, no Brasil o setor vem acompanhando a tendência mundial de concentração do capital. A Manville comprou a Papelok e formou uma nova empresa, a Igaras, sexta colocada no *ranking* nacional e responsável por 5,4% da produção de papel em 1994; da fusão da Papel Simão com a Celpav surgiu a Votorantim Papel e Celulose, terceira do *ranking* e respondendo por 9,3% da produção de 1994; houve também associações (*joint-venture* Klabin-Lenzing e Toga-International Paper, Suzano com Igaras e Suzano com Vale do Rio Doce).

No *ranking* das 15 maiores empresas de papel e celulose do mundo, nove são americanas, inclusive a maior, a International Paper, com faturamento

***Ranking* mundial das empresas de papel e celulose — 1993**

Empresa (sede)	Vendas* (US$ milhões)
1. International Paper (EUA)	10.146,0
2. Nippon Paper Industries (Japão)	6.953,5
3. Georgia-Pacific (EUA)	5.231,0
4. KNB BT (Holanda)	4.788,1
5. Scott Paper (EUA)	4.748,9
6. Stone Container (EUA)	4.729,0
7. James River (EUA)	4.700,0
8. New Oji Paper (Japão)	4.688,5
9. Stora (Suécia)	4.610,6
10. Mead (EUA)	4.239,0
11. Arjo Wiggins Appleton (Inglaterra)	4.096,4
12. Champion International (EUA)	3.818,0
13. Honshu Paper (Japão)	3.767,9
14. Weyerhaeuser (EUA)	3.585,2
15. Kimberly-Clark (EUA)	2.971,7
56. Ind. Klabin Papel e Celulose (S. Paulo)	815,1
77. Cia. Suzano de Papel e Celulose (S. Paulo)	512,3
111. Aracruz Celulose (Rio de Janeiro)	310,7

Fonte: PPI — 150 Top Listing (set. 94). *BNDES Setorial*, n.2, nov. 1995.
* A maioria das empresas trabalha também com outros produtos. Nesta tabela estão computadas apenas as vendas de papel e celulose.

Celulose sulfato branqueada de mercadco
Capacidade de produção — 1994 (em mil t)

País	Total	Fibra longa	Fibra curta
1. Canadá	8.400	6.565	1.815
2. EUA	7.770	4.540	3.230
3. Suécia	2.890	2.260	630
4. Brasil	2.345	150	2.195
5. Finlândia	1.675	825	850
Outros	7.950	2.640	5.310
Total	31.010	16.980	14.030

Fonte: Hawkins Wright.

de US$10,1 bilhões em 1994. O Japão aparece em 2º lugar, com três indústrias. O Brasil, embora venha apresentando um crescimento contínuo no setor em índice superior à média mundial, só figura com três empresas entre as 150 maiores do mundo: a Indústria Klabin, que ocupa a 56ª posição, a Suzano, na 77ª, e a Aracruz Celulose, na 111ª colocação.

A posição particular de cada indústria brasileira não é muito destacada no cenário internacional, mas a colocação do Brasil como produtor de papel é mais vantajosa. Nosso país aparece na 11ª colocação de 1993 e apresenta um dos maiores índices de crescimento em relação ao ano anterior: 9,3%. Como consumidor de papel, o Brasil é o 12º país do mundo e registra igualmente um dos maiores índices de crescimento em relação a 1992: 7,1%. A força do Brasil no cenário mundial está em sua produção de celulose de mercado, ostentando a 4ª colocação, depois de EUA, Canadá e Suécia (dados de 1994). Se for considerada apenas a produção de celulose de fibra curta, o Brasil sobe para a 2ª posição (na 1ª estão os EUA). Computando-se apenas a produção de celulose de eucalipto, o Brasil é o líder mundial, tendo produzido em 1993 2.175t, o dobro do 2º colocado, Portugal, com apenas 1.090t. Metade da produção brasileira é de responsabilidade da Aracruz Celulose. A empresa, como produtora de celulose de mercado, ocupa a 5ª posição entre as maiores do mundo. Em termos de unidade fabril, a Aracruz, com planta instalada no estado do Espírito Santo, é a líder mundial, com o registro de 1.025t produzidas em 1993. Na 2ª colocação figura a unidade fabril da americana Georgia-Pacific, localizada em Brunswick, com produção de 525t.

De acordo com previsões da FAO, nos próximos 15 anos a demanda mundial deverá crescer a uma taxa média anual de 3,1%.

Empresas especializadas do setor prevêem que no período 1995-99 haverá um aumento da oferta de celulose de mercado de aproximadamente 5 milhões de toneladas. O crescimento anual médio será de 2,6%, elevando a capacidade de produção em 1999 para 42 milhões de toneladas, incluindo-se a pequena parcela de 1,7 milhão de toneladas de celulose não-branqueada. O crescimento não será igual para a celulose de fibra longa e de fibra curta: a fibra longa deve experimentar um aumento anual de apenas 1,6%, contra 4,3% para a fibra curta. Cerca de 88% dos acréscimos de oferta de celulose de mercado nesse período estarão concentrados em apenas cinco países: Indonésia (55%), Suécia/Finlândia (15%), Brasil (13%) e Canadá (8%). Em termos de crescimento, portanto, a Indonésia será o grande destaque deste final de século, devendo elevar sua participação no mercado mundial de 2,5% para 8,5%. O Brasil, no mesmo período, crescerá dos atuais 7,1% para 8,8%, pouco acima da Indonésia.

No Brasil, as empresas que estarão contribuindo para a expansão da oferta — que subirá de 2,5 milhões de toneladas em 1995 para 3,2 milhões em 1998 — são Cenibra, Votorantim, Aracruz e Jari, que está promovendo um redirecionamento estratégico para a produção apenas de celulose de eucalipto.

As perspectivas para o setor não poderiam ser melhores. De acordo com previsões da FAO nos próximos 15 anos a demanda mundial de papel deverá crescer a uma taxa média anual de 3,1%, 2,3% para os países desenvolvidos e 5,8% para os países em desenvolvimento. Os preços alcançados pela celulose no mercado internacional são também estimulantes para o setor. No início de 1994, algumas das principais empresas especializadas do mundo, como a Hawkins Wright e a Risi, erraram redondamente ao tentar projetar os preços para os anos seguintes. Para a Hawkins, em 1995 os preços da tonelada de celulose de fibra longa do norte seriam de US$645 e da de fibra curta de eucalipto, de US$595. A Risi era ainda mais pessimista — previa respectivamente US$527 e US$482. Pois a realidade foi bem outra: no último trimestre de 1995, a celulose de fibra longa era vendida a inacreditáveis US$1 mil a tonelada e a de fibra curta a US$ 960. Some-se a esses e outros fatores a enorme disponibilidade de terras no Brasil para o cultivo de madeira, o que se torna cada vez mais raro em países desenvolvidos, e estão definidos os motivos por que investidores estrangeiros vêm emitindo sinais freqüentes de interesse pelo parque brasileiro de papel e celulose.

* Jornalista.